

AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LITERATURA  
EM LEITE DO PEITO, DE GENI GUIMARÃES

*MEMORY, RESISTANCE AND LITERATURE  
IN LEITE DO PEITO, OF GENI GUIMARÃES*

Profa. Alice Maria Araujo da Fonseca  
Universidade Estadual do Piauí  
alicemariaa.fonseca@gmail.com

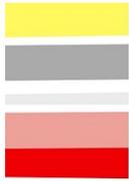
Profa. Camila Pereira de Sousa  
Universidade Estadual do Piauí  
camispereira@hotmail.com

Profa. Dra. Lucélia de Sousa Almeida  
Universidade Federal do Maranhão  
almeida.lucelia@hotmail.com

**Resumo:** O surgimento da Literatura Afro-Brasileira permite a representação de aspectos da memória a respeito do passado histórico do negro. Dessa maneira, apresenta a retomada das ancestralidades relacionadas à cultura, religião, valores e costumes negros. O que evidencia os dilemas enfrentados na trajetória desse grupo social e o reconhecimento identitário como resultante da perpetuação dessa memória. A autoafirmação de pertencimento à identidade negra torna-se impulso para resistir às manifestações de subjugação, preconceito e discriminação racial. Neste trabalho, evidencia-se a Literatura de autoria feminina negra como representação desse ato de resistência e de perpetuação da memória identitária afro-brasileira. Pauta-se sob o objetivo de analisar como se dá a relação entre memória, resistência e literatura em quatro contos da obra *Leite do Peito* (1988), da autora Geni Guimarães, são eles respectivamente, “Temos escolares”, “Metamorfose”, “Alicerce” e “Força flutuante”. A metodologia é bibliográfica, de cunho interpretativo. Como aporte teórico, utiliza-se autores a exemplo de Alves (2010), Alves (2011), Duarte (2013), Habwachs (2003), Pollak (1992), entre outros. Após a análise dos quatro contos, pôde-se perceber que há a presença de aspectos memorialísticos que funcionam como construção identitária da personagem e a partir da autoafirmação como mulher negra, ocorreu a tomada de consciência e de resistência às marcas de uma sociedade sexista e preconceituosa.

**Palavras-chave:** Memória; Resistência; Literatura; Leite do Peito; Geni Guimarães.

**Abstract:** *The emergence of Afro-Brazilian Literature allows the representation of aspects of memory regarding the black's historical past. In this way, it presents the resumption of ancestry related to culture, religion, values and black customs. This shows the dilemmas faced in the trajectory of this social group and the recognition of identity as a result of the perpetuation of this memory. The self-assertion of belonging to the black identity becomes an impetus to resist the manifestations of subjugation, prejudice and racial discrimination. In this work, it is evident the Literature of black feminine authorship as representation of this act of resistance and perpetuation of Afro-Brazilian identity memory. The aim of this study is to analyze the relationship between memory, resistance and literature in four short stories in the book *Leite do Peito* (1988) by the author Geni Guimarães. They are, respectively, "Tempos escolares", "Metamorfose", "Alicerce", and "Força flutuante". The methodology is bibliographical, interpretive. As a theoretical contribution, we use authors such as Alves (2010), Alves (2011),*



*Duarte (2013), Habwachs (2003), Pollak (1992), among others. After analyzing the four stories, it was possible to perceive that there are memorialistic aspects that function as the identity construction of the character and from the self-affirmation as a black woman, there was the awareness and resistance to the marks of a sexist and prejudiced society.*

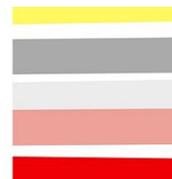
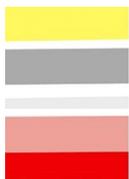
**Keywords:** *Memory; Resistance; Literature; Leite do Peito; Geni Guimarães.*

## 1 Introdução

Ao final do século XX, no Brasil, a Literatura Afro-brasileira aflora constituída por aspectos da memória de um passado relacionado ao negro. Assim, apresenta um retorno às ancestralidades, tradições e cultura negra. Do mesmo modo, é formada através de experiências, dissabores e dilemas enfrentados pela comunidade negra, a qual por muito tempo esteve silenciada pela subjugação, preconceito e discriminação racial. Além disso, há que se destacar, especificadamente, a Literatura de autoria feminina negra, na qual “as escritoras expõem o descontentamento, a raiva, requerendo, através de sua obra, o direito de usar a própria voz para exigir um lugar como igual, nas letras e na sociedade” (MACHADO, 2012, p. 136). Nesse sentido, problematiza sob o ponto de vista feminino os espaços que o negro ocupa na sociedade, a marginalização, objetificação, o preconceito, bem como permite uma reflexão acerca dos estereótipos de cunho racista e sexista construídos em torno na mulher negra.

Essas produções se firmam na Literatura brasileira contemporânea e conduzem a comunidade negra ao rompimento de silenciamentos, configurando-se como uma forma de resistência. Logo, também impulsionam a resistir, lutar por direitos e pelo respeito a crenças, histórias e identidade. Sob esse ponto de vista, este trabalho busca analisar como se dá a relação entre Memória, Resistência e Literatura em quatro contos da obra *Leite do peito* (1988), de Geni Guimarães. Sobre a narrativa, trata-se de uma autobiografia da escritora. Sua composição dar-se por um conjunto de 11 contos, nos quais o tempo cronológico traça os caminhos e vivências da menina Geni, desde sua infância até a fase adulta.

No entanto, para a presente análise escolheu-se os contos “Tempos escolares”, “Metamorfose”, “Alicerce” e “Força flutuante”, respectivamente. As ações dos referidos contos decorrem em dois espaços cruciais para o desenvolvimento da personalidade da protagonista. O primeiro deles é o espaço rural, quando ainda menina, depara-se com manifestações de preconceito racial. Além disso, também é nessa fase que Geni



questiona-se sobre sua identidade negra, sua cor e posição social. A permanência na zona rural tem como determinante algumas situações relacionadas ao seu processo de despertar para a problemática da exclusão racial. É nesse decurso, que Geni resolve mudar para uma cidade, pois a realidade citadina lhe ofereceria uma maior perspectiva de ascensão social. A partir de então, a resistência e imposição enquanto mulher negra e munida de voz ecoaria em um ambiente que se lhe denotaria como desfavorável.

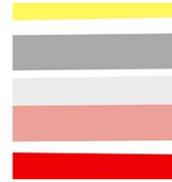
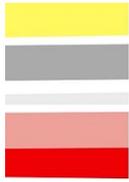
## 2 Memória e resistência

Nas produções Afro-Brasileiras a Memória é utilizada como forma de recorrência ao passado histórico do negro. Consoante Florentina Souza (2006, p.70), um exemplo desse retorno ao passado é exemplificado pela alusão à Diáspora Negra, movimento de saída forçada dos negros africanos para as regiões de exploração do trabalho escravo. Esse movimento culminou nos conflitos e impasses sofridos pelos negros em seu itinerário. Dessa maneira, inflamou nesse grupo social a necessidade de transmitir e perpetuar a cultura negra por meio da passagem de gerações. Pautado na finalidade de manifestar a identidade negra.

Nesse sentido, como resultado desse movimento migratório do negro, a chegada desse grupo, no Brasil, foi arraigada pelo regime da escravidão durante três séculos. Passados os movimentos abolicionistas e a luta ativa de algumas camadas da população, a exemplo de profissionais liberais e de Quilombos abolicionistas, consolidou-se a Abolição em 13 de maio 1888. Entretanto, essa conquista não garantiu aos negros a liberdade buscada.

A memória histórica do negro está marcada por esse período pós-abolição, o qual foi marcado por falta de inclusão e de respeito, na sociedade, para a população recém liberta. Não existiam políticas públicas que garantissem aos negros direitos sociais. Nesse período, o Brasil foi alvo da implantação de critérios sociais que classificavam a população de acordo com leis racistas advindas da Europa e dos Estados Unidos.

“Desde o período colonial, as cores hierarquizavam, não apenas os escravos, mas uma crescente população livre descendente de antigos escravizados que se alforriavam das mais diversas maneiras” (DANTAS, MATTOS E ABREU, 2012,



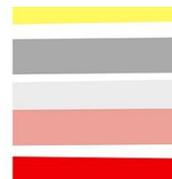
p.122). Nesse sentido, essas leis resultantes do Darwinismo em que a ideia biológica de que o grupo superior, o mais desenvolvido sobrevive e evolui sua espécie, era atribuída à superioridade branca. Essas teorias e critérios classificatórios resultaram, de acordo com os autores, no caráter racista e preconceituoso da sociedade Brasileira.

Continuamente, os autores supracitados ainda exemplificam algumas das restrições destinadas à população negra, nos espaços sociais. Eram excluídos do acesso a instituições de educação públicas e privadas, enfrentavam dificuldades para apropriar-se de cargos da política ou de vagas advindas de concursos públicos.

Como consequência a essa realidade, a população negra não se manteve paralisada, exemplificado por movimentos e formas de resistência que almejaram por melhorias, na qualidade de vida e de inclusão social negra. Houve a explosão, no século XX de grupos de militância que lutavam por essas causas, como, em 1931, o movimento Frente Negra Brasileira (FNB), considerado o movimento de organização negra mais importante do início do século. Com a ainda demanda de reconhecimento social, entre os anos de 1964 e 1978 elevou-se os movimentos negros. Miriam Alves (2010, p. 24) apresenta que, em 1978, surgiu o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), um ano depois simplificado para Movimento Negro Unificado (MNU).

Outra camada de manifestação social negra também apresentada pela autora, deu-se na imprensa a exemplo do surgimento do *Jornal a Voz da Raça* e outros da chamada imprensa negra, que buscavam noticiar fatos ocultados pela mídia em dominância. Uma luta que se perpetuou e ganhou força também, na área artística, por exemplo, na Literatura com o grupo Quilombhoje, fundadores, em 1978, da série *Cadernos negros*.

A busca pelo silenciamento do negro funciona como manipulação da memória e do esquecimento. Nessa perspectiva, Danielle Ramos, em seu artigo “Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico” (2011) afirma que, essa manipulação realiza “condição importante na instauração e perpetuação de um grupo hegemônico” (RAMOS, 2011, p. 97), esse grupo hegemônico diz respeito aos brancos como um grupo opressor, na sociedade brasileira. A resistência negra, por meio da busca da tomada de voz, funciona como forma de manter viva a memória coletiva de um grupo, termo exprimido por Halbwachs (2003, p. 29), o qual considera como um



fenômeno coletivo, ou seja, em associação ao meio social do qual o indivíduo sinta-se pertencente.

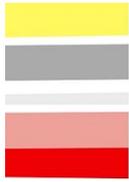
No mesmo segmento, Pollak (1992, p. 05) reforça que “[...] memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”. Com esse prisma, o sociólogo considera que memória e identidade são fatores contínuos e correspondentes a uma pessoa ou a um grupo, dessa forma podem ser alterados e reestruturados. Por esse motivo, a interação com o meio social é significativa, na construção e perpetuação da memória e identidade de um povo.

É através da emergência da Literatura Afro-Brasileira que, no campo literário, a resistência do negro se consolida, pois, em uma sociedade que buscava embranquecer sua negritude, memória e religião, a tomada de voz negra surge como objeto de denúncia e representação própria, o qual rompeu o processo de silenciamento, como defendido por Duarte (2013, p. 146) que, por muito tempo, foi destinado ao negro.

### **3 Literatura de autoria feminina negra**

A disseminação de concepções pautadas, na ideologia patriarcal, estabeleceu que as mulheres fossem inferiores aos homens, por isso, estariam em posição de submissão, enquanto aqueles se constituíam como dominadores. Assim, tal ideal posicionou mulheres e homens em lados opostos. Isso fez com que, por um longo período de tempo, os anseios femininos fossem ignorados ou silenciados, sem nem ao menos as mulheres terem a oportunidade de questionar normas até então naturalizadas pelo patriarcado. Devido à atribuição de papéis, no seio familiar, geralmente com dedicação exclusiva para as tarefas domésticas, foram excluídas até mesmo do acesso à educação e algumas atividades profissionais, as quais lhes eram proibidas. Na literatura, por exemplo, por muito tempo imperou a exclusão e negação de sua participação, em contrapartida, os homens dominavam as obras que circulavam.

Para Lucia Osana Zolin (2009, p. 253) o cânone literário esteve moldado a um conjunto de obras instituídas pelo homem branco, ocidental, classe média/alta. Nesse sentido, marcado pela exclusão dos escritos de mulheres, etnias não-brancas, das minorias sexuais, dos seguimentos sociais menos favorecidos. Conseqüentemente, a

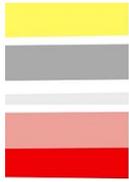


inserção da mulher, nesse meio, deu-se com processos de ruptura e prenúncios de alteridade no que se refere a esse posicionamento projetado através do logocentrismo e falocentrismo.

A invisibilidade, na esfera literária, esteve mais acentuada no caso das mulheres negras. O motivo é que estas sofreram de forma dupla, já que foram dispostas como subalternas e oprimidas não só por questões de gênero, como também pela tonalidade da pele. Na Literatura sacralizada, com uma realidade não experimentada por mulheres brancas, não surgem como heroínas ou protagonistas romantizadas. De modo reverso, a representação literária da mulher negra é amalgamada nas imagens de seu passado escravo, relacionada à objetificação sexual e à procriação. Em termos de produção escrita, o sistema social hegemônico e excludente também silenciou, por muitos anos, as escritoras negras, enquanto os estereótipos citados eram perpetuados (ALVES, 2011, p. 181).

De modo específico, no Brasil, os séculos de escravidão e exploração sexual contribuíram para a difusão de tais rótulos. Entretanto, o surgimento da Literatura de autoria Feminina Negra, na conjuntura literária da contemporaneidade brasileira, sinalizou uma quebra nos discursos que reforçam subalternização da mulher negra. Nutrida pela busca por emancipação política, social e de espaço, nas mais diferentes esferas da sociedade, essa literatura é portadora de discursos que buscam romper as construções que apresentam em seu bojo relações de poder, distinções e preconceitos. Nesse âmbito, é caracterizada por vozes através das quais “se possam fiar e ficcionalizar mazelas advindas de práticas racistas e sexistas, mas também, em tom de lirismo, tecer versos e prosas que reelaborem identidades, entoem e inventem amores, dissabores, dores, histórias, resistências e ancestralidades”, conforme pontua Silva (2010, p. 98).

Torna-se relevante destacar o marco do surgimento de uma Literatura Negra, no Brasil, em meados da década de 1970, através de grupos de escritores espalhados em diferentes estados do país. Na opinião de Miriam Alves (2011, p. 184) trata-se de “uma escrita no mínimo contundente, abre as trancas, fura as cercas, pula muros e invade o campo literário, para ampliar o território da fala de homens e mulheres negros”. A autora ainda chama atenção para o fato de que antes desse acontecimento, os negros que se dedicavam à escrita literária permaneciam inseridos nas sombras da chamada



“Literatura Brasileira”. Assim, viviam na invisibilidade étnica, de modo a respaldar o denominado mito da “democracia racial”.

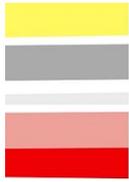
Tomados em conjunto, os autores que emergiram ao longo da década de 70, organizaram uma publicação denominada *Cadernos Negros*, a qual representou um ponto fulcral para contraposição aos discursos estereotipados em torno do negro, além de dar visibilidade a autores e autoras afrodescendentes. É nesse horizonte, que “há uma produção e reprodução de símbolos no discurso poético-ficcional de escritoras negras destoantes das escritoras brancas”, como bem pontua Miriam Alves (2011, p. 185). A assertiva se dá porque mesmo que, experimentem o silêncio e resignação, em se tratando de mulheres negras é patente, como já mencionado, a dupla forma de opressão ocasionada tanto pelas questões de gênero como pela questão racial.

Dessarte, a escrita da mulher negra desponta “a partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira” (ALVES, 2011, p. 187). Com isso, é de se notar que há o ensejo de novas formas de enxergar a si, seus conflitos, resistências, caminhos percorridos e singularidades.

Ainda acerca dessa escrita, Maria Aparecida Andrade Salgueiro (2001, p. 2) *apud* Miriam Alves (2011, p.186) alega que, sua composição se dá através do estudo da individualidade e das relações interpessoais como uma ponte para a compreensão de fenômenos sociais complexos, como a marginalidade, o preconceito velado, a falta de representatividade em livros escolares. Assim, tais autoras narram, sob o ponto de vista feminino, situações do cotidiano das mulheres negras, a exemplo de escritoras como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, entre outras. Esta última, sendo autora do livro *Leite do Peito*, lançado em 1988.

#### **4 A autora Geni Guimarães**

Geni Mariano Guimarães nasceu, em 8 de setembro de 1947, em São Manuel, um município rural de São Paulo. Ainda na infância, especificamente, quando possuía cinco anos, mudou-se com sua família para outra fazenda, em Barra Bonita. Segundo Lima (2009, p. 64):



Iniciou seus estudos na fazenda Mixta da Fazenda Pau D'algo, onde cursou da 1ª a 4ª série, de 1954 a 1958. Como na Colônia onde vivia não tinha o Ginásio, sua família mudou-se para a cidade. Assim, a mocinha foi matriculada no Colégio e Escola Normal de Barra Bonita (CENE). Neste estabelecimento de Ensino, cursou da 5ª a 8ª séries entre os anos de 1959 e 1962 e o Curso Normal (Magistério) de 1963 a 1965. (LIMA, 2009, p. 64).

Passados vinte e quatro anos após a conclusão do Curso Normal, entre os anos de 1989 e 1993, formou-se em Letras pelo IMES, uma faculdade na cidade de São Miguel. Concluiu dessa forma a carreira acadêmica, destinando-se à carreira literária.

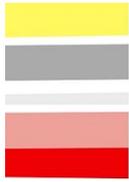
Iniciou sua produção como escritora no *Debate Regional* e no *Jornal da Barra*, posteriormente, em 1979, publicou seu primeiro livro no âmbito da poesia, chamado *Terceiro Filho*. Relacionou-se com o Grupo Quilombhoje, no início de 1980, juntamente com as discussões a respeito da literatura negra. Assim, publicou, no volume 4 de *Cadernos Negros* (1981) sua segunda produção poética, marcada pela temática de afirmação da identidade negra e com marcas de protesto.

Em 1988, sua participação foi significativa, na IV Bienal Nestlé de Literatura, a qual era destinada aos 100 anos de Abolição. No mesmo ano, a fundação Nestlé encarregou-se de publicar o volume de contos *Leite do peito*, livro dos contos objeto de análise deste trabalho. Publicou a novela *Cor da Ternura*, em 1989, o que a tornou vencedora dos prêmios Jabuti e Adolfo Aisen.

A partir de então, passou a dedicar-se às causas militantes negras, especialmente, ligadas ao reconhecimento identitário de afro-descendência. Em 2000, candidatou-se ao cargo de vereadora de sua cidade. No entanto, não foi eleita. Essa relação de Geni com as causas de autoafirmação negra foram resultantes em suas produções mais conhecidas, pois essas possuem caráter autobiográfico. Lima (2009, p. 65) ainda complementa, em sua tese, que, Geni possui o desejo de que suas produções estejam ao alcance de todos os públicos. Não somente o público infanto-juvenil, mas de todas as faixas etárias.

## **5 Memória e resistência negra em *Leite do peito***

### **5.1 Tempos escolares**

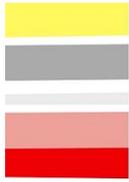


*Leite do peito* constitui-se de fatos cronologicamente apresentados pela narradora Geni. Trata-se de uma narrativa autobiográfica, assim, possui como cerne as memórias e relatos contados com base nas impressões do seu passado. No conto “Tempos escolares”, a narradora apresenta fatos ocorridos ainda na infância, mais precisamente quando morava, na zona rural com a família. Logo no início do conto, ao receber os cuidados da mãe, recebe recomendações a respeito da cautela e higiene que deve possuir:

- Amanhã, seu cabelo já está pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça que não desmancha. Não esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho, antes de sair.
- Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.
- Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.
- Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até moco no nariz e...
- Mas a Janete é branca – respondeu-me minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 1988, p. 49).

Desse modo, verifica-se que, mesmo no ambiente familiar, a menina Geni depara-se com uma situação que a habitua ao sentimento de inferioridade em relação a uma criança branca, tal atitude naturaliza o preconceito racial. De modo contrário à Janete, existe uma cobrança, no que se refere a sua aparência e modo como deve portar-se em outros espaços. No entanto, a inserção da menina na escola representa um grande passo em comparação aos seus familiares e ancestrais privados de frequentar esse ambiente. Ao questionar o fato, é silenciada pela mãe sem nem ao menos compreender o porquê da diferenciação. Esse fato é uma herança do período de exploração colonial, pois como citado por Dantas, Mattos e Abreu (2012, p. 122) havia uma hierarquização que suprimia os escravos e seus descendentes de frequentarem determinados ambientes, assim, não possuíam acesso às instituições de ensino.

É nesse ínterim, que recebe a visita de Nhá Rosária, uma célebre contadora de histórias do passado negro para as crianças. Ela era uma senhora negra, carregava consigo os rastros das injustiças sociais resultantes de séculos de exploração aos seus antepassados, “morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que morava com aquela família, nem qual sua idade certa” (GUIMARÃES, 1988, p. 50). Além disso, ninguém possuía certeza de onde surgira Nhá Rosária, nem sobre a sua família, apenas que tinha uma vida árdua. Nhá Rosária, ao trazer à tona as histórias e memórias de seus antepassados, vítimas da espoliação colonizadora, adquire



grande relevância no construto da narrativa. Assim, exprime a memória histórica de seu povo, com isso acarreta em reflexões acerca do presente e futuro do determinado grupo.

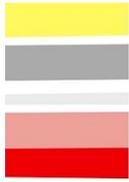
Outro ponto importante apresentado pela personagem, seria a exaltação de uma figura histórica do período abolicionista, a conhecida Princesa Isabel. Pressionada pelo mercado capitalista, assinou a Lei Áurea em 1888, sendo esta responsável por garantir a Abolição. Todavia, sem fornecer condições para a inserção em atividades da sociedade, levou-os às periferias e morros, onde viveriam em condições de miséria.

No referido conto, Nhá Rosária descreve o momento desse marco histórico “e só com um risco que assinou no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por um sinhô que não foi obedecido, só cantavam” (GUIMARÃES, 1988, 51). O trecho em questão revela também as marcas das torturas físicas que os escravos sofriam, entretanto, essa não é a questão que atrai a curiosidade de Geni. Para a menina, o gesto de libertar o seu povo seria divino, uma mulher tão bondosa deveria ser considerada uma Santa, como é evidente na passagem abaixo:

Rezei três pai-nossos e três ave-marias. Ofereci a Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de me levantar nem esquecer o nariz sujo. Agradei também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever (que ela ia me ajudar) escreveria no papel e recitaria na escola (GUIMARÃES, 1988, p. 52).

Para a felicidade de Geni, suas aulas iniciariam no dia seguinte, e o clima era de expectativa. Como toda a pureza de uma criança, tinha muito respeito por sua professora, até mesmo um receio de não ser bem vista logo no primeiro dia. No entanto, foi, no ambiente escolar, que se deparou com mais situações de preconceito racial. Inicialmente, porque uma colega afirmou sua intenção em dar um beijo na professora na saída, bem como as outras colegas, Arminda e Iraci. Assim, alegaram que Geni também beijasse a sua, dona Odete, ao término da aula.

Tal circunstância causou dúvida na menina, questionamentos sobre beijar ou não Dona Odete. Além disso, a perspicácia de Geni a levou a indagações sobre o modo como a professora explicava determinado conteúdo. Desse modo, esqueceu até mesmo de responder a lição e recebeu advertências por isso. Apesar do ocorrido, no final da



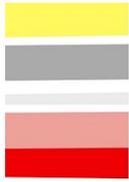
aula, efetiva a tarefa, o beijo, mesmo depois de derramar lágrimas por causa do modo como foi tratada ao receber a advertência.

Foi o beijo dado por Geni que a mostrou a dura realidade da discriminação racial, pois após ir em direção à porta, observou a “Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. Pude ver então a sua mão, bem na palma. Era branca, branca” (GUIMARÃES, 1988, p. 57). A falta de reciprocidade pelo gesto, afeto e recusa do beijo a deixaram entristecida, introspectiva. É por esse motivo que, tomada por uma consciência acerca do lugar que ocupava naquele espaço, retornou para casa sozinha e tentou acobertar de sua mãe uma dor que não tinha nome. Assim, a escrita feminina negra, no conto, reflete a história social do negro, marcada pela opressão, discriminação racial. Em referência ao que Alves (2011, p. 185) desnuda, é escrita sob o ponto de vista de mulheres que buscam uma reflexão acerca situações do seu cotidiano, das relações interpessoais como fonte de compreensão de fenômenos mais complexos, como a exclusão.

Quando recebe indagações sobre o motivo de seu atraso, não consegue controlar suas lágrimas em meio aos afetos da mãe: “Ela pegou-me no colo e com a ponta do avental limpou meu rosto melado de lágrimas. Deitei-me no seu ombro e tentei explicar a minha dor sem nome: - Tou chorando porque tou com fome” (GUIMARÃES, 1988, p. 58). A dor a que a criança se refere é a do silenciamento, uma voz que não ressoa em meio à exclusão. Ademais, sente como um prenúncio para futuros casos como esse, situações em que nem sempre sua mãe estará presente para fortalecê-la.

## 5.2 Metamorfose

O conto “Metamorfose” cronologicamente dá prosseguimento ao relato de Geni. É interessante se notar que os fatos, mesmo se passado um ano, também possuem como epicentro a Princesa Isabel. Como já mencionado, para a protagonista a princesa possuía grande relevância, uma vez que teria sido tão generosa, realizado a façanha de libertar o povo negro da escravidão. Foi assim que, em um gesto de admiração, a menina escreveu um poema saudando a alteza.



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



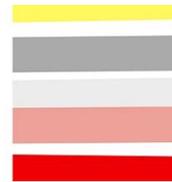
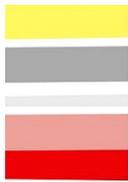
“Foi boa para os escravos  
E parecia um mel,  
Acho que é irmã de Deus,  
Viva a princesa Isabel!!”  
(GUIMARÃES, 1988, p. 61).

Através desse gesto de agradecimento, vai até a professora, que não é mais a Dona Odete, mas Cacilda. Contagiada por um misto de sensações, apresenta-lhe o poema, além de também mostrá-lo ao diretor, o qual a parabeniza. Apesar disso, professora Cacilda não reconhece a escrita da menina Geni, pois ao anunciar para turma as comemorações referentes à abolição da escravatura, ignora o poema que leu anteriormente. A atitude é evidenciada quando questiona aos alunos da classe quais eram os entusiasmados em fazer homenagens a princesa, no dia 13 de maio: “Não fui escolhida. Tantos não era possível, explicou-nos ela. Mas eu não podia perder aquela oportunidade. Corri atrás dela, sôfrega” (GUIMARÃES, 1988, p. 63).

Por meio do que foi expresso por Geni, é indubitável a exclusão vivenciada pela narradora, no ambiente escolar. Principiado quando a professora ignora sua intenção entre os demais, a qual “luzia negritude”, em meio as outras mãos de alunos interessados, o preconceito não inibe a garota em insistir na oportunidade. Dessa maneira, passos de resistência são constatados em seu ímpeto por expor os versos para a escola. Assim, após insistências, obtém um resultado positivo, mesmo que acompanhado por um sorriso fraco de Cacilda.

Próximo ao dia marcado para as comemorações, contrariando as histórias repassadas à Geni, a professora da classe explana a realidade histórica e desumana na qual o negro foi submetido. E, sobretudo que a Princesa, heroína do poema de Geni, não agiu em defesa do povo negro como tão bem contou Vó Rosália. Também deixou claro que eram apenas acostumados com a situação de exploração em que viviam. O relato é exposto da seguinte maneira:

A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data. Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!  
(GUIMARÃES, 1988, p. 67).



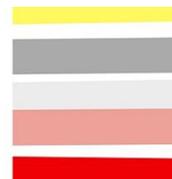
É dessa maneira que a menina se enxerga como pertencente a uma raça inferior, incapaz de lutar por seus direitos e pela igualdade, por isso sentiu vergonha e decepção. Aqueles negros apresentados por Nhá Rosária seriam merecedores somente de desprezo. Além do mais, não só os escravizados eram assim, tudo se perpetuava ao longo das gerações, pois seu pai e sua mãe (conscientes dos preconceitos nos espaços sociais) também temiam muito. Nesse sentido, apoderada pelo discurso segundo o qual era inferior aos brancos. Ao chegar a sua casa, tomada por uma inocência que apenas as crianças possuem, resolveu tirar aquela cor negra de seu corpo, utilizando-se para isso da agressão física:

A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs atirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele (GRUIMARÃES, 1988, p. 70-71).

A não aceitação de sua cor em relação ao discurso respaldado por uma supremacia branca ocasiona, em Geni, a violação do corpo, numa tentativa de apagar características de sua identidade, de se enquadrar e ser bem aceita. Sendo a identidade apta a transformações (POLLAK, 1992, p. 05), a exclusão e silenciamento no ambiente escolar originam uma crise identitária, posteriormente sanada pela aceitação. Após alguns dias, a menina afirma ter restado apenas a dor na alma “esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens” (GUIMARÃES, 1988, p. 71). Desse modo, a escrita de Geni é utilizada como uma via para lutar contra a discriminação imposta por muito tempo a mulheres negras. Isto se torna possível quando se utilizando desse meio, a escritora posiciona-se criticamente sobre a marginalização e tentativas de manipulação da história e memória coletiva do negro.

### 5.3 Alicerce

No oitavo conto da edição estudada intitulado “Alicerce”, Geni ao apresentar o momento de inquietude da garota, em conversa com o pai, decide então qual profissão seguir. A menina cursava o período escolar que hoje corresponde ao Ensino Fundamental, referente da 5ª a 8ª série. Percebe seu pai chegando do trabalho na lavoura, o qual senta-se no degrau da escada da porta da cozinha, recebe dele o pedido



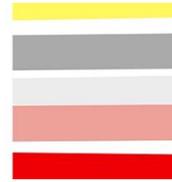
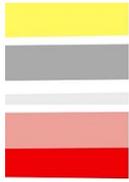
de buscar um rolo de fumo de corda. Obedecido o pedido, o homem se depara com a figura do rosto sorridente do jogador Pelé presente, no jornal advindo do embrulho pedido a filha.

O homem então lança à garota a seguinte afirmação: “ – Este sim, teve sorte. Lê aí pra mim, filha. Fala devagar, senão eu não decifro direito” (GUIMARÃES, 1988, p. 75). Após a leitura é apresentado que o jornal trazia “façanhas esportivas e dava algumas informações da vida fantástica do jogador” (GUIMARÃES, 1988, p. 75). Terminada a leitura, o homem dirige-se à filha “ – Benzadeus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não se caber de orgulho. Ver um filho assim, acho que a gente até se esquece das durezas da vida” (GUIMARÃES, 1988, p. 76). Após um longo suspiro, declara: “Se a gente pudesse ao menos estudar os filhos”. Nessa situação, a inquietude de Geni se consolida ao perceber a admiração do pai por Pelé, considera, então, o jogador como exemplo de semelhante negro bem sucedido. Decide, assim, também ser motivo de orgulho para seu pai através de uma profissão.

A partir disso, inicia-se o diálogo: “ – Pai, o que mulher pode estudar? – Pode ser costureira, professora...” [...] – Vou ser professora [...] Meu pai olhou-me, como se tivesse ouvido blasfêmia. O pai interpelou: - Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra mim morrer no cabo da enxada [...] (GUIMARÃES, 1988, p. 76). Nesse trecho, observa-se a decisão da garota em exercer o magistério. No entanto, também pode-se perceber a influência do ideal de que a mulher só poderia exercer, na camada social, as profissões destinadas ao trabalho doméstico ou à profissão de professora.

Nesse sentido, observa-se, de acordo com o que Lima (2009, p. 140) afirma: “A resposta do pai de Geni ratifica o pensamento masculino que sacralizou a função da mulher, quando desempenhada no espaço público, como uma extensão do mesmo papel outrora realizado no espaço privado, ou seja, daquela que cuida para o bem-estar dos outros”. Embora essa constatação aluda ao ideal sexista, a decisão de Geni em tornar-se professora pode ser considerada como um ato de resistência, na sociedade e, na representação literária. O motivo é que não era apenas uma mulher decidindo exercer o magistério e sim, uma mulher negra apropriando-se da decisão de estudar.

Assim, relacionando-se ao que Silva (2010, p. 98) aponta sobre a construção de narrativas advindas de situações de racismo e manifestação sexista como forma de



reestruturação identitária de mulher negra, possuidora de impasses, dores, memória e capaz de resistência às imposições sociais.

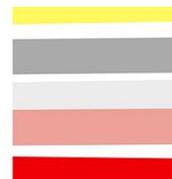
Um dos obstáculos enfrentados nessa decisão foi em uma volta da escola com a companhia de seu pai. A aproximação de um homem, administrador da Colônia em que morava declarou as seguintes palavras: “- Não tenho nada com isso, seu Dito, mas vocês de cor são sempre de feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura” (GUIMARÃES, 1988, p. 77). Esse trecho evidencia o preconceito existente na sociedade e a tentativa de negação de escolaridade aos negros. A consideração de que somente o trabalho braçal é destinado à população negra. Essa passagem também se relaciona à tentativa de silenciamento do negro, na sociedade, pois por meio dos estudos há um risco para a camada social dominante da dificuldade de oprimir os negros.

#### **5.4 Força flutuante**

No último conto de título “Força flutuante”, encontra-se a continuação do conto anterior, é evidenciada a fase em que a jovem Geni recebe a certificação do curso técnico destinado ao magistério e sai à procura de emprego. Consegue ser contratada em um ambiente escolar para substituição durante todo o ano. Nessa escola, recebe a turma de primeira série, turma não aceita pelas professoras já efetivas no cargo, pois essas optaram por turmas com alunos maiores e já em um nível superior, na aprendizagem da leitura.

Já de início, sente o preconceito por parte da diretora e das mães dos alunos, observa-se no excerto: “No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, supor-tei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que incrédulas cochichavam e me despiam suas intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão, para ‘simples conferência’” (GUIMARÃES, 1988, p. 83). Nessa passagem, o preconceito paira-se no espaço da cena pelos olhares de reprovação destinados à professora Geni, a dúvida de sua competência destilada somente pelo fenótipo evidenciado na cor de sua pele.

Outra passagem, neste conto, que inflama um sentimento de inquietação e ao mesmo tempo de ternura, na jovem, é a revelação de uma garota que se mostrava em oposição às outras crianças que entravam na sala, após o sinal de entrada. “Só uma



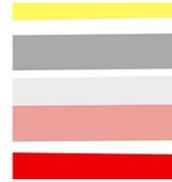
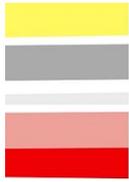
menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aulas. – Eu tenho medo de professora preta” (GUIMARÃES, 1988, p. 83), afirma a menina.

O sentimento que a criança possui permite Geni desarmar-se. Tenta iniciar um diálogo ao falar que poderia contar histórias de fadas, mas é interrompida pela diretora que procura saber do ocorrido. A solução proposta pela gestora da escola era da simples mudança da criança para uma outra sala de aula. Geni se opõe, faz um pedido de que seja dado a ela a tentativa de convencer a garota a permanecer na turma de origem “ – Por favor. Deixe que nós nos possamos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la” (Ibidem, p. 84). A proposta da personagem é aceita. No entanto, a dúvida, em um misto de esperança, faz com que destilasse a seguinte afirmação “Vi, então, que era muito pouco tempo para provar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir”. Desse modo, o conto se segue ao mostrar as tentativas de aproximação da professora com sua aluna.

Dessa forma, ela dá prosseguimento à sua aula, enquanto é observada pela criança parada, em pé, na porta. No momento do intervalo para o lanche, aproxima-se e inicia um diálogo, inventa sobre o que sentiu no primeiro dia de aula, pede um pedaço do lanche da menina. Outra forma que encontra de ganhar a confiança da garota é destinando a ela a incumbência de cuidar de sua bolsa enquanto ministra a aula, a garota aceita entrar na sala e obedecer ao pedido da professora. Com a tarefa pedida de que levantasse a mão quem soubesse desenhar, a menina levanta e fez o desenho de um cachorro. A professora Geni elogia o desenho, então a aluna explica o motivo da escolha em retratar o animal. Era o cachorro de sua avó.

Ao término da aula, a aproximação entre as duas já possui um avanço, a menina faz-lhe um pedido para, no outro dia, deixá-la sentar perto da prima e que continuaria com a incumbência de cuidar da bolsa, de longe. Também relata qual lanche levaria e pergunta se é do agrado da professora e afirma “ – Vou dar um pedaço grandão para a senhora, tá?” e despedem-se, cordialmente.

Essa situação relatada, no conto, é apresentada a resistência de Geni a provar que sua capacidade e competência independem da cor de sua pele. Ganha com ternura e habilidade a confiança da aluna e, conseqüentemente, prova para a mãe e a diretora sua eficiência enquanto profissional docente.

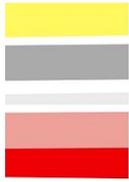


Outra percepção do que é relatado, na narrativa, é que a atitude da criança e a forma como passou a se relacionar com Geni pode se associar ao que Mattos, Dantas e Abreu (2012, p. 120) evidenciam que, a partir da Lei nº 10.639/2003 e do parecer aprovado pelas ‘Diretrizes’, as quais: “trazem para o âmbito da escola, pela primeira vez, a importante discussão das relações raciais no Brasil e no combate ao racismo, tantas vezes silenciado ou desqualificado pelas avaliações que o Brasil era uma democracia racial”. Dessa maneira, evidencia-se a importância do ensino de cultura afro-brasileira nas escolas, pois os alunos, quando crianças, não nascem arraigadas de preconceito, pois ele é adquirido na relação social com pessoas racistas. Pode, dessa forma, ser combatido no ambiente escolar.

### **Conclusão**

Diante do exposto, percebe-se que a memória e resistência foram evidenciadas na literatura expressa, nos contos analisados. De início, nos dois primeiros contos da análise, “Tempos escolares” e “Metamorfose”, a menina Geni encontra-se em contato com manifestações do preconceito ainda, na fase de infância. Dessa forma, encara o dilema da autodescoberta e negação da pele negra. A primeira atitude dá-se na percepção da diferença entre a cor de sua pele, a de seus familiares e os demais de pele clara. Isso é possível na relação com o meio em que está inserida e nas recepções da memória histórica e da memória coletiva negra, apresentadas como o exemplo das narrações orais de Nhá Rosária. Também a compreensão de que os brancos são privilegiados, nas situações que observa, a exemplo da outra menina chamada Janete. Como consequência dessa descoberta, há a negação de sua pele negra, a não aceitação de pertencimento a esse grupo social tão reprimido e discriminado. Para tal, resolve tentar retirar a cor negra agredindo seu próprio corpo como aconteceu em “Metamorfose”.

Por conseguinte, nos dois últimos contos, intitulados “Alicerce” e “Força flutuante”, observa-se a concretização de atos de resistência da jovem Geni em estudar e tornar-se professora. Essa resistência advém dos momentos de impasses enfrentados em suas vivências, com os obstáculos adquiridos devido ser mulher negra. Representada por subestimações sociais como as considerações feitas pelo patrão branco e rico do seu

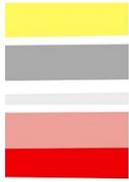


pai e dono da área onde morava. Os olhares tortuosos das mães de alunas e da diretora em seu início do magistério. E a doce e engenhosa atitude de convencer e provar para a aluna medrosa e inflamada por um preconceito, ainda em fase de amadurecimento, de sua capacidade e competência enquanto professora.

Assim, *Leite do peito* é uma obra que transmite a memória coletiva, a história de um povo que sofreu tanto com a espoliação do regime escravista, como a marginalização do período pós-abolicionista. As problemáticas retratadas ao longo da vida da menina Geni refletem, poeticamente, a desconstrução de discursos hegemônicos acerca da mulher negra, como questões, no que se refere à identidade e à memória. No mesmo âmbito, a obra releva a sua subjetividade de quem se vê cercado pelas tentativas de olvidar sua identidade. Por fim, ecoa, sobretudo, a voz que resiste e desvela as relações instituídas nos moldes eurocêntricos.

## Referências

- ALVES, M. *BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, M. *A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência*. Revista da ABPN, n.3, v.1, nov.2010-fev. 2011, p. 181-189. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/280/261> /. Acesso em: 27 jan 2019.
- DANTAS, C. V.; MATTOS, H.; ABREU, M. (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- DUARTE, E. A. O Negro na Literatura Brasileira. *Navegações*. v. 6, n. 2, p. 146-153, jul/dez, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787/0>> Acesso em: 18 maio 2017.
- GUIMARÃES, G. M. *Leite do Peito*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988.
- HALBWACHS, M. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- LIMA, O. S. *O Comprometimento Etnográfico Afro-descendente das Escritoras Negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. 2009. 171p. (Tese- Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em:



AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009\\_OmardaSilvaLima.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009_OmardaSilvaLima.pdf)>

Acesso em: 15 jan. 2019.

MACHADO, S. F. *Literatura Afro-Feminina: Uma Escrita De Cobrança*. Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/issue/archive>. >. Acesso em: 27 jan 2018.

POLLAK, M. *Memória e Identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RAMOS, D. C. M. P. Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico. *Linguagem em (Re)vista*, ano 06, n. 11/12, p. 92-104. Niterói, 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf> > Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVA, A. Da Literatura Negra à Literatura Afro-Feminina. *Via Atlântica*, n. 18, p. 91-102, 30 dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 26 jan 2019.

SOUZA, F. Literatura afro-brasileira: algumas reflexões. *Revista Palmares* (Brasília), v. 1, p. 64-72, 2006. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>> Acesso em: 30. Out. 2018.

ZOLIN, L. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Org.) *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

**Recebido em: 30 de janeiro de 2019.**

**Aprovado em: 11 de abril de 2019.**